

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS, E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

| o | s | e | s | p |

Temporada 2026

Semana do Meio Ambiente

Música de
Câmara

Revista

Uirapuru

31 de maio

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 19



Semana do Meio Ambiente

“O firmamento azul eterno, e a terra
há de permanecer firme e florescer na primavera.
Mas você, homem, por quanto tempo viverá?”

A emblemática *Das Lied von der Erde* [A canção da terra] emerge do coração fragilizado de Gustav Mahler como a catarse final de alguém que não só compreende a efemeridade da vida humana, como reconhece e aprecia a infinitude cíclica da natureza. A Terra, do oceano ao solo, do céu ao chão, está em constante renovação – e, sendo assim, a morte é necessária para o renascimento. Mas as decisões tomadas pelo ser humano em relação à natureza são definitivas e impactam não só aqueles que vivem agora, mas os que ainda estão por vir. A campanha global da Organização das Nações Unidas (ONU) nos convida a refletir, no Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho de 2026, sobre a seguinte questão: “O planeta está nos enviando sinais. Qual sinal enviaremos de volta?”

31 de maio

domingo

18h

Estação

Motiva

Cultural

Grupo CamSons

Romeu Rabelo regente

Silvana Romani contralto

Jabez Lima tenor

Svetlana Tereshkova violino

Tatiana Vinogradova violino

Sarah Pires viola

Kim Bak Dinitzen violoncelo

Alexandre Rosa contrabaixo

Claudia Nascimento flauta e flautim

Ricardo Barbosa oboé e corne-inglês

Giuliano Rosas clarinete, requinta e clarone

Alexandre Silvério fagote

Daniel Filho trompa

Ricardo Righini percussão

Rubén Zúñiga percussão

Lídia Bazarian piano

Felipe Bernardo celesta e harmônio

Semana do Meio Ambiente

GUSTAV

MAHLER

1860–1911

Das Lied von der Erde [A canção da terra]

[Arranjo de Rainer Riehn e Arnold Schoenberg]

1908 [Arr. 1983]

1. Canção de beber sobre a tristeza da terra (Compassos inteiros, sem pressa)
2. O solitário no outono (Um pouco arrastado. Cansado)
3. Da juventude (Serenamente alegre)
4. Da beleza
5. O bêbado na primavera (Ousado, mas sem pressa)
6. A despedida (Pesado)

63 minutos

Das Lied von der Erde [A canção da terra]
[Arranjo de Rainer Riehn e Arnold Schoenberg]
1908 [Arr. 1983]

O ano de 1907 foi cruel para Gustav Mahler: a morte da filha mais velha, a crise profissional, a infidelidade de sua esposa Alma e, finalmente, o diagnóstico de uma fatal infecção cardíaca. Talvez por isso *A canção da terra* soe desde o primeiro compasso como uma despedida. O maestro Bruno Walter chamou-a de “uma criação pensada à sombra da morte”, com a lucidez febril de quem se vê, nas palavras do próprio compositor, “cara a cara com o nada”.

Abalado, Mahler buscou consolo na poesia chinesa, recriada livremente em alemão no livro de Hans Bethge, *A flauta chinesa*. O resultado é um experimento formal único: uma “sinfonia em forma de canções”, para tenor, contralto (ou barítono) e orquestra. A superstição da “Nona” — o medo de repetir o destino de Beethoven, Schubert e Bruckner, os quais faleceram após a composição de suas nonas sinfonias — ronda a obra. Mahler contorna o número, mas não o pressentimento. Por isso a música, desde o início, lamenta a frágil condição humana: “Sombria é a vida, é a morte”.



Maria Anna Mahler [1902-1907] faleceu devido à escarlatina e difteria durante o tempo em que a família esteve em Maiernigg, na Áustria. Totalmente inesperada, a morte de Maria Anna abalou completamente o compositor, como Alma Mahler [1879-1964] viria a escrever em seu livro, *Gustav Mahler: memórias e cartas*, a respeito do fatídico dia: “Mahler amava esta criança com devoção, ele se trancava no próprio quarto todos os dias, despedindo-se dela em seu coração [...] Mahler, chorando e soluçando, ia e voltava à porta do meu quarto, onde ela estava; e então fugiu, para se afastar de todo e qualquer som. Era mais do que ele poderia suportar.”

É triste lembrar que, com sua morte prematura em 1911, Gustav Mahler não chegou a ouvir nenhuma das obras que compôs em seus últimos anos. A *canção da Terra* estreou em 1911, como uma homenagem póstuma. Dez anos depois, Arnold Schoenberg [1874-1951] deu início a um arranjo de câmara da obra, no contexto da “Sociedade para Execuções Musicais Privadas”, criada por ele. A ideia era tornar obras modernas e recentes (inclusive grandes partituras orquestrais) executáveis com forças reduzidas, sem a pressão do mercado, de grandes salas e da crítica.

Com a dissolução da sociedade, contudo, o projeto foi abandonado, restando apenas um arranjo esboçado da primeira canção. Foi com base nesse material, que permite entrever a concepção camerística pretendida por Schoenberg para a obra, que Rainer Riehn completou, em 1983, o arranjo de câmara de *A canção da terra*.

No primeiro movimento, o vinho brilha como um desafio ao desespero. A alegria inicial, com seus gestos de fanfarra, contrasta com o tema lírico e a consciência sombria do destino. No desenvolvimento, surge a contraposição central da obra: a natureza, vasta e cíclica, diante da vida humana, breve e singular. “O firmamento azul eterno, e a terra / há de permanecer firme e florescer na primavera. / Mas você, homem, por quanto tempo viverá?”. A reconciliação harmônica sugere que brindemos à vida, saudando também a morte.

Em 1907, Gustav Mahler deixou seu cargo como diretor na Ópera Estatal de Viena – uma decisão do compositor, mas motivada por terceiros. De origem judaica e nascido e criado na Boêmia, Mahler foi desacreditado de suas habilidades enquanto compositor e regente centenas de vezes. A imprensa alemã, altamente influenciada pela obra antissemita de Richard Wagner, *Das Judentum in der Musik* [O judaísmo na música], acreditava que a língua e cultura alemãs poderiam apenas ser imitadas pelos judeus, mas nunca elaborada com fidelidade à sua verdadeira essência. Mahler então se afastou do cenário musical de Viena, assumindo a direção da Metropolitan Opera de Nova York.



“O solitário no outono” transforma o brinde em contemplação. As linhas se movem como vozes independentes, sob uma melodia sinuosa das cordas. O poema é quase uma pintura: “Azuladas névoas de outono pairam sobre o lago;/ [...] é como se um artista tivesse espalhado pó de jade sobre as flores delicadas.” Mas essa paisagem não explica o sentimento interior: “Choro muito em meus momentos de solidão. O outono dura tempo demais no meu coração.” É como se Mahler, encarando a morte, desistisse de esperar a primavera.

O scherzo, “*Da juventude*”, traz um súbito sorriso. O pavilhão de porcelana verde e branca, a ponte em arco “como o dorso de um tigre”, os amigos bem vestidos: tudo se organiza em torno de melodias com leve aspecto oriental. E, no entanto, a imagem retorna invertida, a leveza ganha um fundo estranho, como se a juventude fosse uma breve ondulação nas águas profundas.

Em “Da beleza”, o contraste se intensifica: o delicado tema das jovens dialoga com o impulso incisivo dos rapazes. A promessa de reconciliação concentra-se na troca de olhares: “E a mais bela das donzelas lança/ longos olhares de saudade para ele./ [...] No brilho de seus olhos grandes,/ na sombra de seu olhar ardente, / ressoa ainda, em lamentos,/ o tremor de seu coração.” A beleza tem uma dupla face, equilibrando-se entre o prazer e o sofrimento. “O bêbado na primavera” retorna ao vinho. O poema enuncia a pergunta decisiva: “Se a vida é apenas um sonho,/ por que então esforço e pena!/? Bebo até não poder mais,/ o dia inteiro!”

Arthur Paunzen [1890–1940] pintou uma série de ilustrações dedicadas à obra de Mahler. A imagem, *Von der Schönheit* [Da beleza], de 1926, retrata um grupo de mulheres, com feições delicadas e belas.



O vasto *finale*, “A despedida”, transforma a música em metáfora: espera da morte, despedida da vida, mas também aceitação do curso natural das coisas, do Tao, princípio de harmonia e fluxo contínuo que rege o mundo na filosofia chinesa. A cena se abre com outra pintura: montanhas, vales, sombras, lua: “A terra respira cheia de paz e sono./ [...] O mundo adormece!” A composição opta por um andamento vacilante, como se o pulso humano estivesse falhando. Tudo se concentra na cena do amigo que parte: “Ele desceu do cavalo e lhe ofereceu/ a bebida da despedida.”. Quando o poema “chinês” acaba, Mahler prossegue, como se precisasse dizer adeus com a própria voz: “A querida terra, por toda parte,/ floresce na primavera/ e reverdece de novo! Por toda parte/ e eternamente azulam luminosas as distâncias,/ eternamente, eternamente!”. A palavra *ewig* [eternamente] é repetida como um mantra, não para negar a morte, mas para deslocar seu sentido: algo continua, ainda que não sejamos nós. A indicação na partitura é clara e terrível: “morrendo”. Quando a canção finalmente se dissolve, compreendemos que essa obra não é apenas uma despedida, mas um modo de aprender a dizer adeus.

Jorge de Almeida

Doutor em filosofia e professor de teoria literária e literatura comparada na USP. Tradutor e ensaísta, é colaborador da Academia de Música da Osesp.



Grupo CamSons

Romeu Rabelo
regente

Atuou como músico da Filarmônica e da Sinfônica de Minas Gerais e foi solista da Orquestra de Ouro Branco, da Orquestra de Câmara SESIMINAS e da Orquestra do Festival de Música de Santa Catarina. Lecionou fagote na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade do Estado de Minas Gerais, e integra a Osesp desde 2012.

Silvana Romani
contralto

Bacharel em Música pela Unesp, participou das Vesperais Líricas do Theatro Municipal de São Paulo nas obras de Rossini e Tedesco. Desde 1995, integra o Coro da Osesp, destacando-se como Rosina em *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini, e como Emilia, em *Otello*, de Verdi. Em 2018, foi solista na abertura da Temporada da Osesp.

Jabez Lima
tenor

Integrante do Coro da Osesp desde 2014, o tenor passou pelos mais prestigiados palcos do Brasil, como Theatro Municipal de São Paulo, Theatro da Paz, Teatro Amazonas, Theatro São Pedro e Casa da Ópera de Ouro Preto, além da própria Sala São Paulo. Com a Osesp e o maestro Thierry Fischer, gravou disco dedicado a Aylton Escobar (Naxos, a ser lançado).

Svetlana Tereshkova

violino

Já foi *spalla* da Femminile Europea. Venceu o Concurso Internacional de Música de Câmara de Moscou, o Juvenil Regional de Querche e de Odessa. Já solou junto à Sinfônica Municipal de Jundiá, à Orquestra de Câmara de Moscou e junto à própria Osesp, da qual é membro desde 2002.

Tatiana Vinogradova

violino

Integrante do Quarteto Romanov e do Art String Quartet, em 2003 conquistou o 1º lugar do 10º Concurso Nacional de Cordas Paulo Bosísio. Estudou na Escola Especial de Música de Kiev e no Conservatório Estatal de Moscou P. I. Tchaikovsky. Integrante da Osesp desde 2002, atuou como violinista da Orquestra de Câmara de Moscou e da Orquestra de Câmara do Kremlin.

Sarah Pires

viola

Integrante do Art String Quartet e do Quinteto Osesp, venceu o Concurso Jovens Instrumentistas do Brasil e o Concurso Nacional de Cordas Paulo Bosísio. Na Osesp desde 2015, já integrou a Orquestra Experimental de Repertório, a Jeunesses Musicales World Orchestra, a Camerata Fukuda e a Nova Filarmônica da Vestfália.

Kim Bak Dinitzen

violoncelo

Foi membro da Orquestra de Câmara da Europa e violoncelista principal da Orquestra Real Dinamarquesa, além de ter lecionado no Royal Northern College of Music e na Academia Real Escocesa de Música e Teatro. Ganhou o East & West Artists Prize e o Prêmio de Violoncelo na Competição Internacional de Washington. Integra a Osesp desde 2024.

Alexandre Rosa

contrabaixo

Membro da Osesp desde 1993, formou-se em música pela Escola de Comunicações e Artes da USP e é doutor em performance pelo Instituto de Artes da Unesp. Foi primeiro contrabaixo solista da Orquestra Sinfônica de Santo André e membro da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. É fundador da Orquestra de Câmara Engenho Barroco.

Claudia Nascimento

flauta e flautim

Natural de São Paulo, foi bolsista da Fundação Vitae, vencendo o Concurso Europeu de Música da Picardia (França). Além de atuar como solista na Osesp desde 2015, integrou a Orquestra Experimental de Repertório, a Sinfônica Brasileira, a Orchestre Ostinato e a Orchestre d'Harmonie d'Eure-et-Loir (ambas na França).

Ricardo Barbosa

oboé e corne-inglês

Estudou na Universidade Livre de Música (ULM) e na Academia de Música da Osesp. Vencedor do Prêmio Prelúdio, da TV Cultura, em 2009, e do Prêmio Eleazar de Carvalho, em 2010, participou de *masterclasses* com Albrecht Mayer, Heinz Holliger, Washington Barella e Alex Klein. Integra o naipe de oboés da Osesp desde 2011.

Giuliano Rosas

clarinete, requinta e clarone

Mestre pela Longy School of Music (EUA), foi membro da Orquestra Experimental de Repertório, da Brasil Jazz Sinfônica, da Sinfônica da USP, da Sinfônica de Brockton (EUA) e da Jeunesses Musicales World Orchestra. É clarinetista da Osesp desde 2005.

Alexandre Silvério

fagote

Integrante da Osesp desde 1997, venceu quatro vezes o Concurso Jovens Solistas da Orquestra Experimental de Repertório. Foi bolsista do Festival Internacional de Santander e da Academia Karajan da Filarmônica de Berlim. É membro do Camaleon Bassoons e professor da Academia de Música da Osesp.

Daniel Filho

trompa

Já se apresentou com a Orquestra Sinfônica Brasileira, a Filarmônica de Minas Gerais, a Petrobras Sinfônica e a Filarmônica de Baden-Baden (Alemanha). Integrante da Osesp desde 2025, é membro fundador do Trompa Brasilis e já foi membro da Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e da Sinfônica Municipal de São Paulo.

Ricardo Righini

percussão

Conquistou o 1º lugar do Prêmio Eldorado de Música como integrante do Grupo PIAP — Grupo de Percussão do Instituto de Artes da Unesp, e venceu o concurso Jovens Solistas da Osesp. Lecionou percussão na Faculdade Santa Marcelina e na Faculdade Cantareira, e integra a Osesp desde 1994.

Rubén Zúñiga

percussão

Antes de ingressar na Osesp, foi timpanista da Sinfônica Nacional Juvenil do Chile, da Sinfônica da Universidade de Concepción e chefe de naipe da Filarmônica de Minas Gerais. Apresentou-se com a Orquestra do Estado Bávaro, com a Sinfônica da Rádio Bávara e com a Filarmônica Alemã de Bremen. Fez turnê pela Dinamarca ao lado do percussionista Ronni Kot Wenzell.

Lídia Bazarian

piano

Integrante do Núcleo “Hespérides – Música das Américas” e do Trio Tokeshi Rosas Bazarian, realizou turnês por países como Brasil, França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Suécia e Japão. Gravou *Imaginário* (selo LAMI), indicado ao Prêmio Bravo! de melhor CD de música erudita em 2012, e em 2010 ganhou o Prêmio APCA com o grupo Camerata Aberta.

Felipe Bernardo

celesta e harmônio

É mestre de capela e organista titular no Pateo do Collegio. À frente da Schola Cantorum do Pateo, gravou disco premiado pelas Paulinas-COMEP. É colaborador do Coro Cantosospeso (Itália). É organista associado do Mosteiro de São Bento e pianista correpetidor e professor na Escola Municipal de Música de São Paulo e regente associado do Coro Luther King.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

4, 5 E 6 DE JUNHO DE 2026

Semana do Meio Ambiente: a primavera de Boulanger e Schumann

Em um concerto que evoca a natureza com dois retratos musicais da primavera, Marc Albrecht e a Osesp interpretam *De uma manhã de primavera*, de Lili Boulanger, e a *Sinfonia nº 1 - Primavera*, de Schumann. Entre as obras, o pianista argentino Nelson Goerner interpreta o *Concerto para piano* de Schumann.

5 DE JUNHO DE 2026

Semana do Meio Ambiente: cantos da terra e do espírito

O Coro da Osesp, encerra a Semana do Meio Ambiente com a estreia de *Hieródula*, de Jocy de Oliveira, e peças de Clemens non Papa, Jonathan Dove, Charles Stanford e Gustav Lindsten, unidas por temas de luz e natureza. O grupo Percorso Ensemble e cantores solistas participam desse programa.



Agenda completa e ingressos

Acesso à Estação Motiva Cultural

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento.

O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem e metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da ViaMobilidade.

Primeira vez na Estação Motiva Cultural? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja


Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP


Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**


Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Igor Reis Reyner **revisão crítica**

Escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Imagens

P. 6 Mahler e sua filha Maria Anna. © 2026 Mahler Foundation

P. 7 Mahler no saguão da Ópera Estatal de Viena, em 1903. © 2026 Mahler Foundation

P. 8 *Von der Schönheit* [Da beleza] [1926], de Arthur Paunzen [1890–1940]. ©The British Museum, sob a licença Creative Commons, Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International licence.

P. 9 Grupo CamSons. ©Fabio Audi



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



Lei Rouanet



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



Estação Motiva Cultural

PATROCÍNIO

Rabobank

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO